

Estuda-se nas universidades e aprende-se nas empresas

• Lição do programa internacional de estágios para economistas

Rui Castro

Mais de cem mil jovens licenciados em Economia beneficiaram, ao longo de quase 40 anos de vida da organização, do programa internacional de estágios da Aiesec (Associação Internacional de Estudantes em Ciências Económicas e Empresariais). A associação abrange 532 universidades de 64 países. Um dos seus grandes objectivos é a intensificação de laços entre as comunidades universitária e empresarial. Gente conhecida, como Cavaco Silva, Miguel Cadilhe, Ferraz da Costa ou Vaz Pinto, entre outras personalidades de relevo, teve a oportunidade de estagiar no estrangeiro através da associação.

Quando em 1948 estudantes de sete países se reuniram, na Suécia, com o intuito de formar uma associação, poucos se atreveriam a pensar que, quatro décadas volvidas, a AIESEC tivesse adquirido a actual projecção. «Os propósitos iniciais dos seus fundadores consistiam na aproximação entre os jovens de todos os povos e na promoção do bom entendimento internacional, adjectivos que se enquadravam no espírito prevalecente na Europa logo após o termo da II Guerra Mundial», recorda Carlos Cortes, presidente do Comité Nacional da AIESEC, organização na qual Portugal ingressou em 1959.

Com o correr dos tempos, porém, à medida que se processava a adesão de novos membros, a associação amadureceu, passando a dar mais atenção à intensificação dos elos de ligação entre as comunidades empresarial e universitária, em que se insere, aliás, a sua principal actividade e aquela através da qual ela mais se tem afirmado — qual seja o intercâmbio internacional de estágios proporcionados a estudantes dos 64 países membros. Também a promoção do espírito de liderança e de iniciativa empresarial dos estudantes constitui preocupação dos dirigentes nacionais da AIESEC. Nesse sentido, Carlos Cortes sublinha que «nas universidades se estuda mais para ser quadro de uma empresa do que empresário, pelo que a AIESEC poderá ser uma excelente escola para a vida, em termos de capacidade de iniciativa, liderança e realização». Sustentando a sua afirmação, Carlos Cortes indica algumas das personalidades do topo da hierarquia governamental (Cavaco Silva e Miguel Cadilhe, para além de alguns secretários de Estado) ou que liderem o mercado empresarial (Vaz Pinto, administrador do BESCL), ou Pedro Ferraz da Costa, presidente da CIP) que usufruíram dos estágios proporcionados pela organização. «Estes exemplos constituem um estímulo para nós — declara o mesmo responsável nacional

guiar o nosso esforço, feito da carolice de quem pensa que os estudos não se esgotam no "canudo" da AIESEC — animando-nos a prosse-

Seis mil estágios anuais

O pilar de toda a actividade da organização é, de facto, o seu programa internacional de intercâmbio de estágios (PIIE), de que já beneficiaram mais de 100 mil estudantes, tendo-se ultrapassado o limiar dos seis mil estágios obtidos num só ano em 1986. Para Portugal, os números são, naturalmente, bastante mais modestos, rondando os 30 estágios anuais, sendo objectivo para este ano chegar à centena.

A tramitação processual do PIIE é relativamente simples, tanto para as empresas que concedem os estágios como para os potenciais candidatos. Uma vez sensibilizada a empresa para a vantagem de admitir estagiários estrangeiros num determinado período — e esta é, garante-nos Carlos Cortes, «a fase do processo que mais trabalho dá aos dirigentes da Associação, uma vez que as empresas se têm mostrado pouco receptivas a este género de iniciativas» — esta preenche um formulário em que se discriminam as condições a que deve obedecer a pessoa a admitir, que vão do país de origem ao idioma requerido, passando pela indicação da área de estudos que lhe interessa e da duração do estágio — que pode ir de seis meses, os chamados estágios de Verão, ao ano e meio. Formulário semelhante é entregue pelos candidatos aos estágios no estrangeiro, para que no congresso anual da organização, que este ano se realiza em Innsbruck, na Áustria, de 18 a 23 de Fevereiro, o computador proceda ao «encaixe» entre a oferta e a procura, optimizando os desejos das empresas com os dos estudantes.

O funcionamento do PIIE na base da reciprocidade justifica, assim, o reduzido número de estágios obtidos para estudantes portugueses, dada a fraca receptividade das nossas empresas dei-

xando muitos potenciais candidatos de fora. «A indefinição jurídica legal do estágio, explica em parte este comportamento das empresas», considera Carlos Cortes, que revela, no entanto, a sua esperança de que o problema venha, em breve, a ser ultrapassado, com a publicação, ainda este ano, de uma portaria que regule esta matéria, sobre a qual a Secretária de Estado da Juventude pediu já um parecer à AIESEC.

Salto qualitativo

Se até aqui a Associação tem estado, em Portugal quase exclusivamente vocacionada para o PIIE, neste momento os seus dirigentes têm como principal preocupação a implementação de um outro tipo de programas. Neste contexto se enquadram as jornadas de contacto empresa/universidade que tiveram o seu início no ano passado. No âmbito do FORUM, assim de denomina o novo programa, «a empresa vai à Universidade, tentando aliciar os finalistas e os recém-licenciados através de uma exposição que dê conta do seu modo de funcionamento e das perspectivas para quem nela ingressar».

Em paralelo, a Associação está a organizar um banco de dados, contendo os currículos de todos os estudantes

inscritos nos seus oito núcleos. Um pouco na mesma linha, em Abril decorrerá um seminário sobre desenvolvimento de líderes, cujo principal objectivo é formar os membros da AIESEC, mas que se encontra também aberto à participação dos estudantes em geral e dos quadros das empresas.

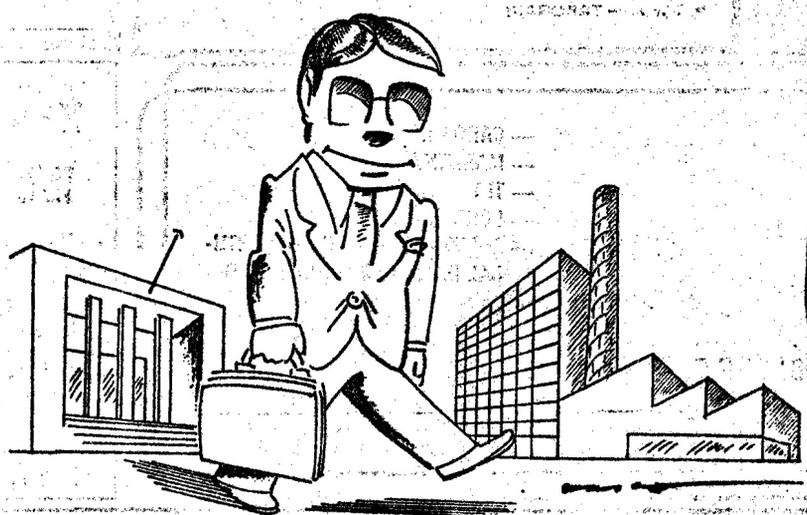
A nível interno, a organização, para fazer face às crescentes solicitações, procura também redimensionar-se, o que passa quer pela criação de novos núcleos, quer pela captação de novos membros. Estão, assim, previstas a instalação de núcleos em Évora e nos Açores, que se virão juntar aos já existentes, situados em Lisboa (ISE, onde funciona também o Comité Nacional, ISCTE, Faculdade de Economia da Universidade Nova e Universidade Católica), Coimbra (Faculdade de Economia), Porto (Faculdade de Economia e Universidade do Porto) e Braga (Universidade do Minho).

Para atacar o segundo vector, a AIESEC organizou, no início do ano lectivo, uma campanha de captação de novos membros. «Se até aqui éramos poucos mas bons, neste momento todos os comités locais têm já gente suficiente, o que não acontecia há um ano, importando agora a sua formação qua-

litativa», revela Carlos Cortes, dando conta do sucesso da operação de divulgação da Associação que dirige.

Entretanto, porque o dimensionamento actual da organização não se compadece com amadorismos, pensa-se já num importante salto qualitativo na sua estrutura, que consistirá na profissionalização dos seus dirigentes nacionais, pelo menos ao nível do presidente. A situação não é, aliás, inédita, sendo esta uma solução adoptada noutros países, vindo-nos o exemplo mais próximo da vizinha Espanha, em cujo comité nacional trabalham cinco pessoas em full-time.

«Este é, afinal, o resultado da expressão que a actividade da AIESEC adquiriu ao longo das últimas quatro décadas. «É impressionante a dimensão actual da nossa organização a nível mundial, colhendo apoios tão diversificados como o da África do Sul, Zimbábue, Checoslováquia ou Singapura», comenta Carlos Cortes que conclui: «A abertura que se vive na AIESEC é única no mundo, sendo bem elucidativa do espírito que pode unir os jovens de qualquer canto do Globo, sem qualquer distinção política, de credo ou raça.»



Diário
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Empresas - relação com universidades